

Entrevista

Revista Lugares/Martinho Patrício. Fundação Iberê Camargo. 22 de junho de 2012.

Revista Lugares] Como surgiu a série de fotografias “Expansão”, exibida na Revista Lugares? Que poética estes registros carregam que estabelece uma sintonia entre eles?

Martinho Patrício] Uma parte olha no cotidiano lugares, pessoas, comportamento, mudanças de ares. Placas de madeiras com pequenas aberturas laterais, sobre bancas padronizadas do comércio popular à noite. Durante o dia, sobre as bancas embaixo das mercadorias e produtos as placas ampliam e em momento duplicam a área expositiva, atendendo as necessidades dos comerciantes modificando a arquitetura estabelecida pela prefeitura. Expansão são também desenhos, objetos e instalações. Uma necessidade, nossos desejos. A transformação todo tempo, um processo contínuo como a vida.

RL] Sobre o teu trabalho, há alguns apontamentos que o relacionam com movimentos artísticos como o concretismo e o neoconcretismo. Qual é o teu posicionamento frente a estas referências?

MP] O que aproxima é o que me distancia.

RL] Tua produção apresenta muitas vezes o uso do tecido. Como esse material foi inserido em tua composição? Que tipo de oportunidades ele possibilita para o teu trabalho que te fazem escolhê-lo como uma das matérias da tua obra? Entradas faixa de algodão cru com fitas de cetim coloridas, início começo.

MP] Quero a moleza o movimento com sopro a instabilidade.

RL] Qual é a influência que o ambiente paraibano e elementos da cultura nordestina têm no teu trabalho? Elas se conectam com o uso do tecido?

MP] A diversidade é uma coisa linda, amo a diversidade.

RL] No projeto “Brincar com Lygia”, foram exibidas cerca de 18 mil peças de papel laminado, as quais o público era convidado a manipular e poderia até mesmo comprá-las pelo valor de R\$ 1,00. Como foi o desenvolvimento deste projeto? Como transcorreu a interação proposta?

MP] Um tempo Cristiana Tejo. Encontros dúvidas certezas, trocas, afinidades. Doze mulheres que traz na sua história a experiência do carnaval de Olinda e Otoniel um macineiro. Nos Brincares interessa-me o convívio, o ambiente, a troca, a relação diária com o outro. Na verdade, todo esse processo é o trabalho, a exposição não é o início. O mais importante: a participação de todos na construção de algo que possa ser compartilhado.

RL] Quais são os teus projetos no momento? Em que tu estás trabalhando atualmente?

MP] Douradoador é um personagem uma história estória, é também um argumento. Para mim agora é um momento de monólogo.

Entrevista

Cristiana Tejo/Martinho Patrício. Salto no Escuro . Curadoria de arte como experimento. 2011.

Cristiana Tejo] Eu queria muito saber se você se lembra o estágio de sua pesquisa artística quando eu lhe convidei para fazer parte do projeto curatorial da Malakoff...?

Martinho Patrício] Em 2002 apresentei na Casa da Ribeira, em Natal, A Estrela: seis triângulos prateados. É o início de todo o processo. No mesmo ano, eu apresento um esboço da proposta Brincar com Lygia durante o Ciclo de Palavras e Imagens, na Residência Artística Faxinal das Artes, no Paraná. Você estava na plateia... Logo em seguida, produzi uma série de fotografias: Brincar com Hélio, Brincar com Volpi, Brincar com Rubem e Brincar com Lygia. Em 2005, você me convida para realizar o trabalho. Na verdade, desde 2002, você vem acompanhando todo esse processo de construção de todos os Brincares.

CT] Você poderia relatar o processo de construção do projeto? Seria interessante ainda saber os meandros da execução do projeto.

MP] Um aspecto de meu trabalho é transpor elementos cotidianos para lhes dar novo conteúdo. Brincar com Lygia é também um resultado disso, um desdobramento. Conheci uma maneira caseira de guardar sacos plásticos de supermercado em forma de triângulo. Substituindo os sacos, utilizei o papel laminado e mantive a mesma forma. Logo, o jogo. Brincar com Lygia: cinco triângulos vermelhos e um prateado. Para a Torre Malakoff, convidamos um grupo de doze mulheres que traz na sua história a experiência do carnaval de Olinda, e Otoniel, o marceneiro. Foi uma semana muito intensa de trabalho, pois produzimos cerca de 12 mil triângulos e 6 mil jogos que seriam expostos em mesas e expositores feitos de madeira. Nos Brincares interessa-me o convívio, o ambiente, a troca, a relação diária com o outro. Na verdade, todo esse processo é o trabalho, a exposição não é o início.

CT] Quais foram os desdobramentos de seu trabalho da Malakoff?

MP] O mais importante: a participação de todos na construção de algo que possa ser compartilhado. Mas posso apontar alguns desdobramentos. Em 2005, o Brincar com Lygia participa da mostra Homo Ludens: do faz de conta à vertigem, no Itaú Cultural, em São Paulo, com curadoria de Denise Mattar. O Brincar com Lygia foi visto na Torre Malakoff pela curadora Lisette Lagnado, em sua visita ao Recife para o Rumos Artes Visuais. Lisette é uma interlocução muito importante para mim, pois ela me acompanha desde a Mostra Antártica Artes com a Folha, realizado em 1996, em São Paulo, da qual foi uma das curadoras. A Lisette tem de forma inédita seu projeto curatorial escolhido para Bienal de São Paulo e me convidou para apresentar o Brincar com Lygia na 27ª Bienal São Paulo: Como Viver Junto, em 2006. Nesse mesmo ano, o trabalho participa da exposição Dupla Herança, no Centro Cultural Banco do Nordeste, em Fortaleza, com curadoria de Marcelo Campos. Em 2007, Brincar com Lygia integra a Selección 27ª Bienal de São Paulo: Cómo Vivir Junto, no Museu de Arte Contemporânea do Chile, com curadoria de Lisette.

Entrevista

Cristóvão Coutinho/Martinho Patrício. 27ª Bienal Internacional de São Paulo. Abril de 2006.

Cristóvão Coutinho] Sob os princípios da religiosidade, da cultura popular, como também das coisas concretas, o artista Martinho Patrício faz um encontro em seu trabalho. Para tanto, o que move um sujeito, estando no entorno do sistema, a providenciar elementos sobre propositivos para a construção de sua obra, ou seja, ao artista cabe manipular os instrumentos disponíveis?

Martinho Patrício] Tenho uma preocupação em meu trabalho que não se centra somente no desenvolvimento da forma, mas na construção de significados. Isso existe desde que iniciei minha relação com a arte. Costumo dizer que os trabalhos que realizo guardam ligações entre si, formam um conjunto que, espero não se cristalice em um conceito fechado. Portanto, são minhas necessidades interiores com relação à integridade da obra e seu deslocamento no tempo e no espaço que permitem pensar o emprego de conteúdos ativos em minha própria realidade, mas que, ao mesmo tempo, se mostram distantes e próprios do Outro.

CC] Os empréstimos, as cópias e a perda de originalidade compõem as aproximações entre o artista e o público. Consequentemente, as obras de arte são representação e realidade nos seus diferentes resíduos.

MP] Meu trabalho funda-se na experiência cotidiana, na relação comum entre indivíduos, os objetos, valores, rituais, costumes; os códigos sociais e culturais ativos. Então, me interesso pela junção e articulação de elementos do ambiente que vivencio em um modelo estrutural a ser construído; o que, na prática, quero dizer: possibilidades de alargamento dos significados desses elementos em uma forma nova, em um dado novo.

CC] Os desdobramentos do seu trabalho para a Bienal acompanha-se de exercícios neoconcretista? O modo e a ação são particularidades de uma proposta construtiva?

MP] Há um sentido de construtividade que opera a dimensão participativa do sujeito no espaço da obra; ou seja, como em um jogo, livre. O mais importante não é tanto a materialidade da obra e sim os sentidos emprestados a ela: o que vai de mim e o que vai do outro para o interior dela. Então, há uma correspondência direta com público que permite que se atribua mais sentidos que não somente os meus previstos, potencializando a obra. Trata-se de uma proposta de construção coletiva do trabalho. Tenho em mente que nada pode ser estruturado nem apreendido sem que alguém esteja presente, por isso procuro dinamizar essa relação.